

“Conto de escola”: a valorização do ócio

Anderson Xavier

UNIABEU

Resumo: Este artigo surge como uma tentativa de pensar a relação entre a filosofia e a literatura, a partir da produção literária. Sem maiores pretensões, fazemos a análise comparativa entre o "Conto de escola", de Machado de Assis, e um dos pontos levantados por Aristóteles, em sua *Metafísica*.

Palavras-chave: Machado de Assis, Aristóteles, literatura, filosofia

“Conto de escola”: the appraisal of leisure

Abstract: This article is an attempt to think about the relationship between philosophy and literature by means of literary production. Unpretentiously, we analyze comparatively “Conto de escola”, by Machado de Assis, and one of the topics discussed by Aristotle in his *Metaphysics*.

Keywords: Machado de Assis, Aristotle, literature, philosophy

Este texto surge como uma tentativa de pensar a relação entre a filosofia e a literatura, a partir da produção literária. Sem maiores pretensões, fazemos a análise comparativa entre um texto da literatura brasileira e um dos pontos levantados por Aristóteles, em sua *Metafísica*.

Não pretendemos justificar a leitura de um texto pela leitura do outro, ou muito menos explicar um pelo outro. Desejamos, na verdade, traçar uma aproximação das duas maneiras de pensar o mundo (a filosófica e a literária). Sendo assim, acreditamos ser necessário o retorno do poeta à *República*, pois assim como o filosófico, o literário pode dar conta das coisas do mundo.

Ainda no tocante à exploração da arte pela filosofia ou da filosofia pela arte, trazemos à baila as palavras de Miguel Reale. O crítico afirma que “filosofia e arte são irmãs gêmeas, que falam línguas diversas: o máximo que se pode esperar é que a primeira nos auxilie a compreender a segunda” (1982, X).

O texto que nos servirá de *corpus*, será “O conto de escola”, publicado em *Várias histórias*, de Machado de Assis. O ficcionista brasileiro é um dos responsáveis pela introdução do pensamento filosófico em terras tupiniquins, dando à nossa literatura

um caráter problematizador e elevando-a ao *status* das grandes produções em prosa do velho mundo.

O cerne de nossa análise encontra-se na acepção de utilidade pensada por Aristóteles. Segundo o filósofo grego, as coisas úteis seriam aquelas necessárias à subsistência humana, frente às quais o homem não pode fazer-se indiferente. Como exemplo, a necessidade de trabalho, de comer, entre outras. Em suma, elementos que têm seu bem baseado em outros. Não possuem o bem ou o fim neles mesmos, sendo, portanto, úteis.

Para o filósofo grego, o bem com finalidade no próprio bem só poderia ser alcançado no ócio – momento no qual o homem se encontra em estado de total desinteresse, apreciando as coisas por elas mesmas, sem objetivar nenhuma consequência ou delas retirar qualquer ideia de prazer que não seja pelo próprio prazer. Dessa forma o ócio significa a inutilidade – o lugar das coisas inúteis.

E é a etimologia da palavra ócio que nos interessa de modo particular, uma vez que é dela (*scholé*, do grego) que advém a palavra escola em língua portuguesa. Dessa feita, “O conto de escola” cai-nos como uma luva. Embora saibamos que a produção literária machadiana recebe influxos filosóficos modernos, nos aventuramos numa aproximação com o pensamento grego.

O livro *Metafísica*, de Aristóteles, dá continuidade aos estudos apresentados na *Física*. Por meio de uma concepção histórica, parte em busca de uma ciência que dê conta de todas as ciências, tentando fazer da filosofia essa ciência centralizadora de todos os questionamentos humanos.

De forma categórica, Aristóteles hierarquiza o conhecimento, sendo considerados os animais mais sábios aqueles que além de superarem as sensações, são capazes de ouvir, memorizar e ensinar aquilo a que estiveram expostos. Isso posto, cabe aos humanos, dotados que são de raciocínio, ocupar o lugar de animais sábios.

Apresentados os problemas, tentaremos, pela leitura do conto, mostrar como Machado de Assis faz uso da ideia de escola como lugar do ócio, para o qual os gregos se destinavam após resolver suas questões utilitárias. Evidenciando a escola como o lugar do tormento, de uma utilidade essencialmente desnecessária, Machado se desfaz por completo do caráter positivista atribuído ao aprendizado, deixando claro, que este não passa de um negócio – uma negação da ideia de ócio grega.

O conto de Machado de Assis se resume a uma cena passada em uma escola tradicional do século XIX. A história é narrada por Pilar, que pensa seu passado de

jovem estudante. O narrador relembra o episódio em que descobriu, na escola, dois tipos de conhecimento: a corrupção e a delação.

O professor da classe de Pilar é tradicional; tem um filho que frequenta a mesma turma do narrador. Em comparação a Pilar, o filho do professor é um apático, no que diz respeito à vida e ao conhecimento, pois possui enorme dificuldade em aprender e apreender os conteúdos a que é exposto. Como diz o narrador, o menino resolve com o tempo, aquilo que não consegue resolver com o cérebro.

Machado de Assis, como lhe é característico, faz uma crítica desvelada ao positivismo existente no comportamento do professor, o que reflete sua posição frente ao paradigma de educação no Brasil de então. O professor é uma figura autoritária. Os alunos estão sob sua “proteção”, conseqüentemente a sua mercê.

Mais preocupado com questões políticas, mais precisamente com o período regencial, negligencia o conhecimento aos alunos. Isso posto, é possível observar através de seu comportamento que os alunos são incentivados a repetir um conhecimento pré-estabelecido nos livros didáticos, enquanto o mestre fuma seu cigarro e lê os jornais do dia.

Em meio a essa complexa conjuntura, o filho do professor demonstra enorme dificuldade em aprender as lições de gramática. Este percebe que Pilar domina o conteúdo passado e, como já havia feito anteriormente, lhe pede para que aquele o ensine a lição, com um diferencial em relação às outras vezes: agora pagaria pela explicação.

Fica claro que os meninos, tinham entre 9 e 11 anos de idade, portanto uma faixa etária aquém dos conceitos de mais valia, ou ainda, de prestação de serviços. A priori, Pilar rejeita a oferta do colega de classe, mas entorpecido pela moeda (que valia cerca de 12 réis) oferecida, resolve ajudar o outro menino.

Enquanto os meninos negociam a aula particular, um terceiro os observa com o olhar de quem tenderia à denúncia. Resguardados pelo temor, os meninos hesitam em fazer a negociata. Mas como o professor não dava a mínima atenção à classe, resolvem fechar negócio. O menino “delator” viu tudo e, como lhe é pertinente, delata ao professor o pagamento da aula.

Enfurecido, não se sabe se pelo negócio feito às suas barbas ou se pelo fato de ter sido desautorizado como professor, uma vez que uma criança explica a outra o que ele não conseguira fazê-la entender, o professor impinge aos alunos um severo castigo: 12 bolos com a palmatória para cada uma das mãos das crianças.

Vale ressaltar a ironia de Machado, dado o valor da moeda econômico da moeda, e o valor moral que ela passa a ter, quando pensamos a punição sofrida; bem como, sua singularidade de criação, por mostrar, já no século XIX, problemas evidentes nas escolas de hoje: a negligência dos professores e o desleixo em relação aos alunos, que deixam de ser aprendizes para serem meros reprodutores de um conhecimento para lá de discutível.

Esse resumo do conto serve para demonstrar as mudanças de sentido para a ideia de escola, bem como para os conceitos de útil/ inútil e ócio/ negócio. Para os gregos a escola era o lugar do ócio, do não-fazer nada pragmático, com qualquer tipo de valor, e nisso havia um caráter positivo que era o da entrega à especulação, como acontece com a arte, por exemplo.

O conto de Machado deixa claro que no ocidente, mais precisamente no Brasil, a escola é lugar da utilidade, local onde se aprende de modo positivo a ser melhor, e como utilizar o conhecimento em prol de outro bem, como por exemplo, a satisfação financeira, e não a relação do homem como o saber, propriamente dito.

Nossa colocação nasce a partir da inquietação do menino Pilar, que tem um tempo inútil na escola, o qual não pode usufruir. Machado evidencia seu descontentamento, ao mostrar o desejo do menino em brincar, enquanto encontra-se na escola. Esse desejo fica explícito, quando o menino avista, pelo menos por duas vezes durante o conto, um bojudo papagaio no ar, e se lembra dos amigos que naquele momento estão a se divertir soltando pipas, rolando no morro ou correndo no Campo de Sant'Anna.

O caráter pejorativo dado àqueles que se entregam ao prazer do ócio fica perceptível na denominação dos meninos que brincam enquanto os outros estudam: “vadios”. Sendo assim, percebe-se que aqueles, que se entregam ao momento do não-fazer por obrigação, são tratados de modo negativo; similar é o que ocorre aos estudantes de filosofia ou literatura que aprendem o que aprendem por questões éticas e estéticas, que aprendem por aprender.

Acreditamos ter ressaltado o quão há de se explorar no texto literário. Não podemos precisar se Machado foi leitor de Aristóteles, como sabemos que fora de Montaigne, Pascal e Schopenhauer. Da mesma forma, não percebemos uma influência significativa do filósofo grego na obra de nosso prosador, como vemos os insumos filosóficos modernos, porém é possível perceber no “Conto de Escola”, uma riquíssima

intertextualidade entre a abordagem aristotélica acerca da utilidade e da necessidade, e a visão machadiana frente ao mundo e as coisas em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica: Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1996.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Várias histórias*. São Paulo: Editora Nacional, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.